

A CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH

THE CONTRIBUTION OF LÚDICO IN THE TEACHING PROCESS LEARNING OF STUDENTS WITH ADHD

Marília Eduarda Guadanhim Reis ¹

Angela Catuta Ferreira Ebner ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo enfatizar as contribuições do lúdico no processo de ensino-aprendizagem para alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O TDAH é um transtorno neurológico que afeta crianças e adolescentes, e umas das características deste transtorno é a falta de atenção (desatenção), e agitação (hiperatividade). Este transtorno é observado por professores, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Isso acontece porque neste período é que se iniciam os primeiros processos de aprendizagem formal, de leitura e escrita, por exemplo. A partir disso, os alunos que têm baixo nível de atenção e alto nível em atividade apresentam dificuldade no processo inicial de alfabetização. Contudo, estudos apresentam que o lúdico pode ser um instrumento eficaz nesse processo de superação dos alunos. Os pontos principais apontados são o fato do jogo ser uma ferramenta na qual as crianças têm a possibilidade de reelaborar a realidade mentalmente, através da imitação, dos contos de fada, entre outros. Estudiosos como Kamii e DeVries (2009), Rangel (2010) e Macedo, Petty e Passos (2005) também apresentam o jogo como ferramenta de destaque para a promoção de concentração, de memória, de autonomia de pensamento, de aceitação de regras, fatores este de extrema importância para os aspectos emocionais, cognitivos e afetivos tão presentes no

¹ Graduação no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: maah-eduarda@live.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE, Bebedouro SP. E-mail: angela.catuta@gmail.com

processo de desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma, o estudo consiste em um trabalho descritivo de metodologia de Pesquisa Bibliográfica, de natureza qualitativa, embasado em apreciações de diversos autores e materiais já elaborados. Diante disto, conclui-se que trabalhar com o lúdico na sala de aula, é uma ferramenta acessível e importante para os professores, ou seja, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos valiosos para a contribuição dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças com TDAH.

Palavras-chave: Lúdico. Professor. Atenção. Hiperatividade. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work aims to emphasize the contributions of the ludic in the teaching-learning process for students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). ADHD is a neurological disorder that affects children and adolescents, and one of the characteristics of this disorder is lack of attention (inattention), and agitation (hyperactivity). This disorder is observed by teachers, especially in the early years of elementary school. This is because in this period is the beginning of the first processes of formal learning, reading and writing, for example. From this, when the students present low level of attention and high level of activity as a consequence they present difficulties in the initial literacy process. However, studies show that ludic can be an effective instrument in this process of overcoming students. The main points pointed out are the fact that the game is a tool in which children have the possibility to re-elaborate reality mentally, through imitation, fairy tales, among others. Scholars such as Kamii and DeVries (2009), Rangel (2010) and Macedo, Petty and Passos (2005) also present the game as a prominent tool for the promotion of concentration, memory, autonomy of thought, acceptance of rules, factors this is of extreme importance for the emotional, cognitive and affective aspects so present in the process of development and learning. In this way, the study consists of a descriptive work of methodology of Bibliographic Research, of qualitative nature, based on evaluations of several authors and materials already elaborated. In the light of this, it is concluded that working with play in the classroom is an accessible and important tool for teachers, that is, games, toys and games are valuable pedagogical

instruments for the contribution of development and learning processes of children with ADHD.

Keywords: Playful. Teacher. Attention. Hyperactivity. Teach-Apregrandson 1

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a educação tornou-se um desafio para os professores, pois hoje a escola é “para todos”, ou seja, para alunos típicos e atípicos, estes são os que apresentam transtorno ou dificuldade. E para alcançar os objetivos básicos de educação para todos é necessário que os profissionais da educação estejam capacitados e preparados para lidar com essas peculiaridades.

Este trabalho pretende destacar a importância do lúdico como estratégia fundamental na intervenção da aprendizagem em crianças com Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Segundo Kamii e DeVries (2009) os jogos na educação infantil promovem os três principais objetivos da educação, estes são a promoção de autonomia do indivíduo, bons processos de discussão entre pares e, principalmente, a ascensão de aprendizagem. Para esta, é importante que os alunos sejam atentos, curiosos, críticos e capazes de resolver problemas.

O TDAH é um transtorno neurológico que afeta o lobo frontal do cérebro, ele atinge crianças e adolescente, e é detectado em instituições de ensino, na maioria das vezes. No entanto, a constatação formal do diagnóstico deve ser realizada em clínicas (PHELAN, 2005).

As principais características que os alunos com esse transtorno apresentam são: falta de atenção, concentração, agitação, desatenção, notas baixas, problemas de comportamento, dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, distração e frustração por não ter um bom aproveitamento, além da sensação de incapacidade por não conseguir acompanhar a turma.

Visto que, este trabalho foi embasado na modalidade de pesquisa de caráter quantitativo e explicativo, que me proporcionou muitas leituras interpretadas e reflexivas sobre o tema abordado.

O interesse pelo tema TDAH surgiu na realização dos estágios, na convivência e observação da atual sociedade na qual vem crescendo o número de crianças com esse e tantos outros transtornos.

Este tema é bastante relevante a todos os educadores e pessoas envolvidas com a educação da criança, bem como aqueles engajados na promoção do ser humano.

No primeiro item abordamos sobre o conceito de TDAH e suas características. No segundo item analisamos o papel fundamental do professor neste processo. E no terceiro item discutimos a contribuição do lúdico no processo de ensino aprendizagem.

Portanto, o sucesso escolar da criança não está diretamente ligado ao trabalho dos pais, mas, principalmente, ao dos professores; afinal são estes quem possibilitam, ou devem possibilitar condições necessárias para a promoção do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, em todos os aspectos.

2 TDAH

Segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida (ABDA, 2017).

O Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurológico que afeta o lobo frontal do cérebro, que atinge principalmente crianças e adolescente, e é descoberto na maioria das vezes em escolas, mas a constatação formal do diagnóstico só é realizada em clínicas (PHELAN, 2005).

Benczik (2000) define como principal característica do TDAH um padrão persistente de falta de atenção e hiperatividade em um grau mais severo se comparado a crianças da mesma faixa etária.

Muitas vezes essas crianças são taxadas de preguiçosas e mal-educadas; e tem muita dificuldade de adaptação ao meio em que vivem, aumentando significativamente o nível de estresse das pessoas que convivem com elas (BENCZIK, 2000).

Phelan (2005) ainda relata que este transtorno tem recebido muitos nomes ao longo dos anos, como doença de Still, distúrbio impulsivo, lesão mínima do cérebro e disfunção cerebral mínima.

E somente em 1980, o termo Transtorno de déficit de atenção surgiu trazendo consigo uma definição clara do problema, que era a dificuldade de se concentrar e manter a atenção (PHELAN, 2005).

O DSM - III (sigla em inglês para o manual diagnóstico e estatístico dos distúrbios mentais, terceira edição) divide o TDA em dois tipos: o TDA com hiperatividade e o TDA sem hiperatividade (PHELAN, 2005).

O que é comum entre eles é a dificuldade de atenção. As atitudes impulsivas e excessivamente ativas das crianças definiriam o TDA com hiperatividade, os portadores geralmente eram meninos (PHELAN, 2005).

Os portadores de TDA sem hiperatividade apresentavam a dificuldade na atenção e concentração, porém eram crianças sem problemas comportamentais e com um jeito meigo de ser, essa condição foi até referida por algumas pessoas como a síndrome do “adorável lunático” e os portadores geralmente eram meninas (PHELAN, 2005).

Em 1987 o DSM-III foi revisto e resultou em uma nova edição DSM-III-R. Assim o nome do distúrbio foi alterado para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que reconhecia a desatenção e a inquietação como evidências envolvidas no distúrbio. E infelizmente a categoria TDA sem hiperatividade foi eliminado (PHELAN, 2005).

Mas esse problema foi remediado no DSM - IV, a expressão Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) foi mantida e o TDA sem hiperatividade reapareceu como “Tipo predominantemente desatento”, mas muitas pessoas usam TDA (Transtorno de Déficit de Atenção) (PHELAN, 2005).

O DSM-IV estabeleceu alguns critérios para que o indivíduo se encaixe como portador do TDA:

- 1- Persistência: o comportamento tem que persistir por pelo menos seis meses.
- 2- Início precoce: os sintomas tem que estar presentes (não necessariamente diagnosticado) antes da idade de 7 anos.

- 3- Frequência e gravidade: a desatenção e/ou a hiperatividade-impulsividade deve ter um caráter extraordinário quando comparadas às de pessoas da mesma idade.
- 4- Claras evidências de deficiência: o padrão comportamental do TDA precisa causar interferência significativa na capacidade funcional da pessoa.
- 5- Deficiência em um ou mais cenários: os sintomas causam problemas sérios em contextos múltiplos, inclusive na escola (ou no trabalho, no caso de adultos), em casa e em situações sociais (PHELAN, 2005, p.14).

Alguns sintomas da desatenção são: não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido; dificuldade em manter a atenção; não ouve quando abordado diretamente; nunca termina seus afazeres (sejam do trabalho, domésticos ou escolares), tem dificuldade na organização, evitam tarefas que exigem muito esforço mental, perde as coisas, se distrai facilmente, esquece as coisas (PHELAN, 2005).

Agora podemos listar os sintomas de hiperatividade: faz som com os dedos ou se contorce na cadeira; não permanece sentado quando é isso que se espera; corre de um lado para outro ou escala coisas em situações inadequadas; tem dificuldade em brincar em silêncio, fala excessivamente, parece ser “movido a pilha” (PHELAN, 2005).

E quanto à impulsividade, podemos ficar atentos aos seguintes sintomas: responde antes da pergunta completa, não espera a sua vez, interrompe as outras pessoas ou se intromete (PHELAN, 2005).

Se a criança ou adulto encaixam em seis ou mais itens dessas listas pode ser diagnosticada com TDAH (PHELAN, 2005).

Se a criança/ adulto se encaixa em seis dos nove itens de desatenção, mas não se encaixa em seis dos nove itens de hiperatividade/ impulsividade pode-se dizer que ele é um portador de TDA sem hiperatividade (PHELAN, 2005).

Esses sintomas aparecem bem cedo na vida dessas crianças, tornando-se mais grave ela ingressa na escola (BENCZIK, 2000).

2.1 ANALISANDO AS CARACTERÍSTICAS DO TDA

2.1.1 Desatenção

A criança com esse tipo de transtorno tem uma amplitude de atenção pequena. Tem extrema dificuldade em manter a atenção em uma só atividade. Em geral as crianças com TDA, passam a maior parte do tempo nas escolas e se questionadas sobre o que não gostam na escola elas respondem: as tarefas. Pois é no momento das atividades que se é exigido um grande esforço para se concentrar, algo muito significativo para elas já que enfrentam um problema invisível (PHELAN, 2005).

Conforme vão crescendo vão se sentindo desmotivadas, e muitas vezes acusadas de preguiça, são experiências que prejudicam muito sua autoestima (PHELAN, 2005).

As crianças com TDA podem sim prestar atenção por períodos limitados de tempo em algumas situações como: se algo for novidade, se tiver alto valor de interesse, por intimidação ou se fica a sós com um adulto. Essa capacidade temporária pode até causar espanto em algumas pessoas, assim como produzir diagnósticos errôneos (PHELAN, 2005).

A tendência a distração é outro item de extrema importância, geralmente elas são de quatro tipos: visuais, auditivas, somáticas e de fantasia (PHELAN, 2005).

As visuais são coisas dentro do campo de visão que atraem sua atenção fazendo-a desviar do seu trabalho. As auditivas são sons que incomodam, podem ser altos ou baixos como o tic tac do relógio. As distrações somáticas são sensações corporais que desviam sua atenção, como costuras da meia apertando, dor de cabeça, estômago roncando. E as de fantasia são pensamentos ou imagens que passam pela cabeça da criança que são mais atraentes do que a atividade que ela está executando (PHELAN, 2005).

Sem dúvida a maior causa de distração é a conversa humana, as crianças com TDA apresentam enorme dificuldade em se concentrar quando outras crianças estão falando em volta, é um problema muito real pra ela (PHELAN, 2005).

2.1.2 Impulsividade

Segundo Phelan (2005) a impulsividade é o agir sem pensar e sem se preocupar com as consequências. É a dificuldade em parar, olhar e ouvir.

Não conseguem parar, olhar os acontecimentos, ouvir o que está sendo dito e agir de forma apropriada para a situação. Sua reação é explosiva e fazem o que vem a cabeça de maneira automática (PHELAN, 2005).

Essas pessoas também não conseguem visualizar consequências ou conversar consigo mesmas (PHELAN, 2005).

2.1.3 Impaciência

A impaciência é a dificuldade em esperar para ser atendido. Pode-se dizer que quando o sujeito coloca uma ideia na cabeça, ela persiste até conseguir (PHELAN, 2005).

Na escola essa dificuldade em esperar sua vez manifesta-se empurrando outras crianças para ser o primeiro da fila, ou corre no corredor. Nas tarefas caracteriza-se a impaciência por meio de um trabalho bagunçado e feito as pressas para acabar logo. A caligrafia descuidada também é um sinal de impaciência (PHELAN, 2005).

Fatores físicos desligados a atividades de ensino, como problemas de controle de urina e fezes também são detectados como dificuldade em esperar, dificuldade de parar de brincar para ir ao banheiro (PHELAN, 2005).

2.1.4 Hiperatividade

Hiperatividade significa inquietação motora excessiva e agressiva. Alguns pais e professores definem a criança como ligados na tomada ou movidos a pilha (PHELAN, 2005).

A hiperatividade em si não é constante, algumas crianças conseguem por um determinado período ficarem paradas em situações novas, fascinantes ou quando estão com poucos colegas (PHELAN, 2005).

2.1.5 Superexcitação emocional

A superexcitação emocional compreende uma intensidade de sentimentos que vão muito além do comum. São situações que demonstram que o sujeito não consegue experimentar poucas emoções, pelo contrário precisam de situações intensas (PHELAN, 2005).

As crianças com TDA geralmente são insensíveis a insinuações sociais, não conseguem perceber o desprazer e o tom negativo de voz das pessoas (PHELAN, 2005).

2.1.5 Desobediência

A enorme dificuldade em cumprir regras é algo marcante nas crianças com TDA. Por mais que conheçam as regras não conseguem cumpri-las; em momentos mais calmos podem até se lembrar, mas a superexcitação emocional, a hiperatividade e a impulsividade tomam conta delas (PHELAN, 2005).

“O TDA não é um problema de não saber o que fazer, é um problema de se fazer o que se sabe. A questão é desempenho e não conhecimento” (PHELAN, 2005, p.27).

A agressividade é algo envolvido na desobediência típica do TDA. Essas crianças tumultuam ambientes domésticos e escolares, agem de maneira impositiva com outras crianças e terrivelmente intolerante com os irmãos (PHELAN, 2005).

A desobediência também pode ser passiva, ou seja, não é nociva para alguém em especial, a não ser para si mesma, isso é visto em casos de TDA sem hiperatividade (PHELAN, 2005).

2.1.7 Problemas Sociais

A rejeição é algo frequente na vida das crianças com esse tipo de transtorno, problemas com colegas também são constantes, pois são crianças enérgicas, mandonas, agressivas e muito competitivas. Pode-se identificar que a maioria tem o

hábito de empurrar, morder, intimidar, bater, falar alto e ser antipático; o que causa problemas interpessoais, que são difíceis de mudar (PHELAN, 2005).

2.1.8 Desorganização

A desorganização, a desorientação e o esquecimento são também características desse transtorno. Pode-se dizer que as crianças com tal transtorno não são só esquecidas, são espantosamente esquecidas, perdem a noção do tempo, além de perderem muitos objetos também. É comum que esqueçam o que estudam, percam livros, roupas, brinquedos (PHELAN, 2005).

Crianças em idade pré-escolar com TDA são logo identificadas, basicamente por causa da sua excessiva (para a idade delas) impulsividade, impaciência, superexcitação emocional, hiperatividade, desobediência e agressividade social (PHELAN, 2005, p. 31).

As crianças com TDA sem hiperatividade, em contra partida, parecem não ter nada fora do típico, até entrarem na escola, e começarem a perceber seu esquecimento, hábito de sonhar acordada, incapacidade de terminar as atividades (PHELAN, 2005).

Os pais dessas crianças devem entender as causas do TDAH, tentar olhar o mundo através dos olhos das crianças, auxiliando assim no entendimento das necessidades diárias das crianças e a diminuição do estresse (BENCZIK, 2000).

É importante que os pais também tentem distinguir desobediência de incompetência (dificuldade). A maior parte dos comportamentos das crianças com TDAH é mais em virtude de suas dificuldades do que por teimosia (BENCZIK, 2000).

O reforço e orientação positiva dos pais para que a criança saber previamente como agir, é algo muito importante. O psicólogo é o profissional adequado para orientar os pais a ajudar seus filhos (BENCZIK, 2000).

Benczik (2000) dá algumas dicas aos pais como: reforçar o que há de melhor na criança; não fazer comparações entre os filhos; conversar com a criança sobre o que ela sente; dar instruções claras e diretas; estabelecer uma rotina clara e consistente; manter limites claros e lembrá-los frequentemente; escolher com

cuidado a escola e professor; controlar sua própria impaciência; não sobrecarregar a criança; não esperar perfeição; incentivar brincadeiras com regras; entre outras.

Quanto aos professores Benczik (2000) orienta o estilo que mais se ajusta a criança com TDAH é aquele democrático, solícito, compreensivo, otimista, amigo, empático, aquele que dá resposta consistente ao comportamento inadequado da criança sem manifestar raiva, organizado e objetivo.

Cypel (2007) aborda os tipos de medicamentos utilizados neste tipo de transtorno. E ressalta que o uso da medicação deve ser individualizada, ou seja, estudada para cada caso.

O efeito do medicamento favorece maior concentração dos neurotransmissores catecolaminérgicos na fenda sináptica. Para esse efeito depende da droga utilizada e das características de cada criança (CYPEL, 2007).

Além da medicação o tratamento se dá com psicoterapia. Os aspectos emocionais da criança desatenta/ hiperativa são pontos fundamentais para a realização do trabalho com ela, ou seja, a ajuda psicoterápica é necessária porque na maioria das vezes o desgaste familiar é muito grande (CYPEL, 2007).

3. O PAPEL DO PROFESSOR

Aranha (2006) destaca três aspectos importantes na formação do professor: qualificação, formação pedagógica e formação ética e política.

O primeiro aspecto apontado por Aranha (2006) remete a competência do professor em relação ao conteúdo, é indispensável que o professor adquira conhecimento científico para ensinar, porque, aliás, ninguém ensina o que não sabe.

O segundo aspecto diz respeito à seleção de conteúdos e objetivos que visam a eficácia da sua opção, tornar o seu trabalho uma atividade sistemática que supere o senso comum. Para tanto se faz necessário o acesso às ciências auxiliares da educação, como filosofia, história da educação, psicologia, entre outras. O professor além do aparato teórico precisa possuir recursos técnicos e habilidades, acrescentado a uma práxis educativa reflexiva (ARANHA, 2006).

O último aspecto nos mostra que a educação está inserida num contexto maior, o social, econômico e político, por isso o professor deve desenvolver um

trabalho intelectual e transformador, não buscar somente a mudança no comportamento do aluno, mas também o educar com valores visando a construção de um mundo melhor (ARANHA, 2006).

Por isso o professor não pode estar alheio aos acontecimentos de seu tempo devendo ser capaz de realizar juízos de valor a respeito dos comportamentos coletivos e individuais, sempre atento aos valores políticos e morais (ARANHA, 2006, p. 44).

Neste caso assumir posições não significa assumir atitudes diligentes de converter-se a uma doutrina ou sistema que irão influenciar o aluno; assumir posições neste sentido então significa comprometer-se com o mundo, se dispor a participar, lutar contra o trabalho explorador, a submissão política, a alienação, as exclusões injustas e o preconceito (ARANHA, 2006).

Aranha (2006) traduz de forma brilhante a importância da formação ética e política do professor, e sua forma de conduzir o trabalho a fim de assumir as lutas sociais acima citadas, como a exclusão injusta e o preconceito, definidos de maneira geral, e que também se encaixa no tema em destaque que é o TDAH.

De acordo com Phelan (2005) há uma estatística de indica que há uma criança portadora desse transtorno em cada sala de aula com vinte a vinte e cinco crianças.

Por isso torna-se tão importante os aspectos supracitados por Aranha (2006) na formação do professor.

O gerenciamento de uma sala de aula com um criança com TDA é um trabalho árduo e difícil. Phelan (2006) nos explica que o TDA é uma deficiência “escondida”. A criança parece normal então chegam os questionamentos: “Porque ela não pode se comportar como as outras crianças?”

Segundo Phelan (2006) é fácil seu coração se compadecer com uma criança na cadeira de rodas, mas no caso do TDA, é mais difícil ter empatia naturalmente por uma criança que causa muita irritação por seu comportamento impulsivo, desatento e hiperativo.

Se refletirmos para responder o questionamento acima “Porque ela não pode se comportar como as outras crianças?”, a resposta seria: porque ela é portadora do Transtorno de Déficit de atenção, embora o professor tenha que trabalhar uma forma

de normalizar esse comportamento, é preciso dar início ao que se tem, ou seja, com essa criança a partir de suas características pessoais individuais (PHELAN, 2005).

Uma maneira de iniciar esse trabalho é efetuar a avaliação dos sintomas e pedir aos pais que também façam e depois discutam juntos os resultados. Esse exercício ajuda pais e professores a serem muito realistas em relação a situação da criança, e estabelecer metas do que se pode esperar dela (PHELAN, 2005).

Phelan (2005, p.193) nos levanta uma importante questão: “Como é possível ensinar uma criança, cuidar dela e se oferecer para ajudá-la constantemente quando ela é o tempo todo desagradável e nunca coopera?” Em seguida, ela mesma oferece algumas sugestões:

- 1- Não se sinta culpado por sentir raiva e irritação, nem tente esconder com comportamentos melosos.
- 2- Não inicie uma guerra com a criança com comentários repetitivos e vingativos.
- 3- Ajuste sua expectativa. Faça uma avaliação de sintomas e estabeleça o que é possível esperar desta criança.
- 4- Ter conhecimento sobre o TDA.
- 5- Ser prestativo com a criança portadora de TDA e aceitar o fato de que essas crianças precisam de intervenção direta da sua parte, incluindo reforço positivo, as orientações e a definição de limites.
- 6- Evitar ideias comuns mas erradas sobre a criança, como achar que a criança está a fim de te tirar do sério; pensar que o comportamento dela indica que não sou bom professor ou que os pais dela são loucos; que o comportamento dela é maldoso.
- 7- Ter pensamentos mais realistas como: os comportamentos impulsivos, hiperativos e desatentos são quase sempre irritantes; esses comportamentos exigem muito da minha capacidade de professor; o TDA não é uma falha da educação dada pelos pais, esses comportamentos não são intencionais.

3.1 Intervenções pedagógicas

De acordo Benczik (2000) as intervenções no ambiente escolar são extremamente importantes. Planejar e organizar a sala de aula reduzindo a presença de estímulos poderá facilitar a aprendizagem.

Phelan (2006) fala sobre alguns princípios básicos na intervenção pedagógica com alunos portadores de TDAH:

O *feedback* imediato e/ ou consequências imediatas é um deles. Essas crianças aprendem quando o *feedback* vem rapidamente. É fundamental o elogio

para o comportamento positivo e estabelecer conseqüências para o comportamento problemático (PHELAN, 2005).

Feedback frequente é extremamente importante, lembretes amigáveis e mensagens úteis ajudam a resolver o grande problema que elas tem com a motivação (PHELAN, 2005).

Os reforços precisam ser mais fortes do que com as outras crianças, precisam de mais impacto, de conseqüências mais pesadas (PHELAN, 2005).

As crianças portadoras de TDA possuem comportamento irritante, tornando-se difícil os elogios e reforços positivos. Mas é essencial que os incentivos venham antes da punição.

As ações são mais impactantes do que as palavras. Falar muito, resmungar e sermões quase nunca irá funcionar, nesse caso as atitudes e ações são mais recomendáveis (PHELAN, 2005).

Também é de extrema importância ter uma rotina estabelecida, essas crianças saem-se muito melhor quando há uma estrutura no seu dia-a-dia. Elas têm dificuldade em lidar com mudanças (PHELAN, 2005).

Além de teorias e conhecimentos, a afetividade se faz muito importante no trabalho do professor como Freire (1996) defende, o educador tem que ter a coragem e o gosto em querer bem aos seus alunos e a sua própria prática. Isso significa ter uma afetividade e não ter medo de expressá-la. Compreende selar o compromisso com os alunos, numa prática específica do ser humano.

Ele alerta ainda: “Na verdade é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade” (FREIRE, 1996, p.141).

O que não é permitido é que esta afetividade interfira no cumprimento da ética e do dever do professor no exercício da sua autoridade. O querer bem a que se refere Freire (1996) tem o significado de ter disposição à alegria de viver, esta que transforma-nos em seres “adocicados” e não amargos. E o ato de ensinar tem sua beleza e alegria.

De acordo com Chalita (2004), o professor é o grande agente no processo educacional, ele é a alma de qualquer instituição, por mais que se invista em instrumentos materiais, sem tirá-los a devida importância, mas não se comparam ao papel e grande valor do professor.

Mesmo que muitos afirmem que o computador será o substituto do professor e por mais evoluída que seja a máquina, ela não reflete, não tem a capacidade de dar afeto, de transmitir emoções e de comemorar a conquista de cada aluno, isso é privilégio humano, é afetividade (CHALITA, 2004).

A máquina pode até ter todas as informações, mas ainda vai faltar a emoção humana, o olhar sempre atento do professor, a interação com a dificuldade de aprendizagem, a fala, os gestos e ainda a construção coletiva do conhecimento (CHALITA, 2004).

Barkley (1990 apud BENCZIK, 2000) reforça que na escolha do professor para uma criança com TDAH é importante considerar dois fatores: o conhecimento e a atitude do professor.

Portanto, podemos compreender que a sala de aula é um lugar onde o aluno precisa ser valorizado e respeitado, independente da sua dificuldade e o professor precisa ser um profissional com atitudes de competência, amizade e comprometimento com seu aluno, para ajudá-los a amenizar os seus problemas e superar as dificuldades de aprendizagem, e assim alcançar o objetivo do seu trabalho, a mediação entre a criança e o conhecimento.

4. A importância do Lúdico

A educação básica no Brasil é dividida em três processos de escolarização sucessivos. O primeiro é a educação infantil, para crianças até 6 anos; o segundo é o ensino fundamental, para crianças e jovens de 7 a 14 anos; e o terceiro é o ensino médio, para adolescentes de 15 a 17 anos (MACEDO; PETTY; PASSOS, 2005).

De acordo com o dicionário Houaiss escola tem o significado de “divertimento, recreio”. Para recuperar esse sentido que a escola perdeu com o tempo, de um lugar divertido, precisaríamos cuidar da dimensão lúdica das tarefas escolares e transformar as crianças e, protagonistas do processo de aprendizagem (Id., 2005).

Brincar é essencial para o desenvolvimento. É uma das principais atividades das crianças. Coloca as crianças em um contexto de interação entre realidade e fantasia, orienta e organiza suas energias, fonte de informação, pois podem aprender sobre características dos objetos (Id., 2005).

O brincar possibilita que a criança aprenda com ela mesma e com os objetos ou pessoas envolvidas na brincadeira, e ajuda a enfrentar problemas (Id., 2005).

Em relação às crianças com TDAH, os jogos trazem muitos benefícios e um deles é a autodisciplina. Macedo, Petty e Passos (2005) definem que a autodisciplina é um fator determinante na ação de jogar. Para jogar é preciso construir um ambiente disciplinado. O controle interno é algo que a criança precisa construir, e o adulto precisa ajudá-la lapidando suas ações e atuações em diferentes contextos.

Outro benefício do jogo é o reconhecimento de autoridade. As regras do jogo ajudam a regular as ações, que determinam o que pode ou não ser feito. O trabalho com jogos ajuda na conquista da reciprocidade, autonomia de pensamento, contato com regras, limites e autoridade (Id., 2005).

Comportamento “adequado” é algo que se alcança com os jogos também. As crianças vão regulando suas ações de acordo com o contexto do jogo (Id., 2005).

Segundo Kamii e DeVries (2009) o professor deve observar a participação e reação das crianças durante o jogo. Os jogos em grupo, por exemplo, deve revelar se a criança tem a capacidade de colaboração mais do que a sua atividade mental.

O importante é que o jogo estimule a atividade mental da criança, a cooperação e regras (KAMII e DEVRIES, 2009).

O lúdico é extremamente importante para todas as crianças, elas precisam brincar e se movimentar, além disso, o trabalho com música é indispensável, com a música elas aprendem muitas expressões, como bater palmas, rodar, agachar e também é o início da noção de ritmo. A imitação também é uma opção aconselhável (RANGEL, 2010).

Com crianças de 3 e 4 anos, segundo Rangel (2010), a maior mudança em relação as atividades que devem ser trabalhadas está relacionada a aplicação do jogo simbólico, a fantasia e o faz de conta que são atividades predominantes nesta faixa etária. Os jogos e pequenos grupos são bem vindos. O professor deve aproveitar ao máximo a vontade e a criatividade das crianças. Habilidades como lançar, equilibrar, correr, saltar e rolar terão que ser trabalhadas nesta fase. Brincadeiras de esconder objetos e o próprio corpo também devem ser incluídas nas aulas, pois ajudam a criança a criar a forma abstrata do objeto. Também é

necessário atividades para entender conceitos como cheio/vazio, dentro/fora, entre outros.

As crianças de 5 e 6 anos já entendem regras e instruções. A autonomia deve ser bem trabalhada nesta fase. Tanto o brincar como o brinquedo é crucial para o seu pleno desenvolvimento. É ótimo momento para se fazer combinados com as crianças, ou seja, estabelecer regras de conduta. O trabalho em grupos é necessário para que aprendam o sentido de colaboração e os jogos são bem aceitos pelas crianças desta faixa etária (RANGEL, 2010).

Jogar pode ser uma atividade que motive os alunos a superar desafios, que façam perceber que agir sem pensar, sem planejar e sem respeitar os limites não serve, não lhe traz resultados satisfatórios. Jogar exige comprometimento e intencionalidade, que são aspectos fundamentais para a sala de aula constituir-se em um ambiente cooperativo, produtivo e disciplinado (MACEDO, PETTY E PASSOS, 2005).

Portanto fica claro a importância do lúdico no trabalho com as crianças com TDAH, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos valiosos na aprendizagem dessas crianças, em todos os aspectos, movimento, a coordenação motora, a aceitação de regras, autodisciplina, reconhecimento de autoridade, comportamento adequado, respeito a regras e limites.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, sem a pretensão de esgotar esse assunto concluímos que a criança portadora de TDAH passa por muitas dificuldades em sua vida familiar e escolar.

Os alunos com esse transtorno apresentam características como: falta de atenção, concentração, agitação, desatenção, notas baixas, problemas de comportamento, dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, distração e frustração por não ter um bom aproveitamento, além da sensação de incapacidade por não conseguir acompanhar a turma.

Portanto o trabalho com o lúdico, jogos, brinquedos e brincadeiras favorecem a aprendizagem de forma significativa, pois essas práticas lúdicas despertam o

interesse e favorecem a atenção, além de desenvolverem habilidades fundamentais como autodisciplina, reconhecimento de autoridade, respeito a regras e limites.

Tudo isso faz com que o trabalho em sala de aula se dê de forma cooperativa, disciplinada e produtiva, favorecendo a superação de desafios das crianças portadoras de TDAH e conseguindo atingir a aprendizagem, objetivo principal do trabalho do professor.

Sendo assim, o lúdico deve ser visto como parceiro na intervenção de crianças com TDAH, fazendo-o assim um objeto de grande importância no desempenho escolar da criança.

REFERÊNCIAS

ABDA- Associação Brasileira do Déficit de atenção. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. 2017. Disponível em: <http://tdah.org.br/wpcontent/uploads/site/pdf/cartilha%20ABDA.final%2032pg%20otm.pdf> . Acesso em 01/08/2018 às 13 h e 27 min.

ARANHA, Maria Lucia Arruda. **Filosofia da Educação**. 3º edição. São Paulo: Moderna, 2006.

BENCZICK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade**. Atualização Diagnóstica e Terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação**. A solução está no afeto. 10º edição. São Paulo: Gente, 2004.

CYPEL, Saul. **Déficit de Atenção e Hiperatividade e as Funções Executivas**. Atualização para pais, professores e profissionais da saúde. 3º Edição revisada e ampliada. São Paulo: Lemos Editorial, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. 30º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta. **Jogos em grupo na educação infantil**. Implicações da teoria de Piaget. Edição Revisada. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACEDO, Lino (org.) **Jogos, psicologia e educação**. Teorias e pesquisas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2009.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PHELAN, Thomas W. **TDA/ TDAH. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda., 2005

Recebido em 14/12/2018

Aprovado em 11/3/2019